

## CAPÍTULO VII – Mister Slang no Brasil e fora dele

*Filipe Augusto Chamy Amorim Ferreira*

# 1

Um país a ser mudado de dentro para fora: Mister Slang e o Brasil

### a) Surge Mister Slang

Em 1926, o recém-empossado presidente Washington Luís, acreditando que Monteiro Lobato seria um interessante agente em prol dos interesses da indústria nacional e da cultura do Brasil, convida-o para ser adido comercial em Nova Iorque. Edgar Cavalheiro anota que o próprio Lobato afirma que “Washington Luís propôs mandá-lo para algum posto fora do País, não só para evitar qualquer incidente, mas também para que, lá fora, se convencesse de que o Brasil não era tão ruim como êle dizia”<sup>328</sup>. O escritor aceita sem mais hesitar e embarca com sua família, chegando a Nova Iorque em princípios de junho de 1927.

Nos meses antecedentes de sua viagem, fascinado com a organização americana, Lobato escreve, para o periódico ‘O Jornal’, de Assis Chateaubriand<sup>329</sup>, uma série de colóquios entre duas personagens fictícias: um certo Mister Slang, britânico, e um brasileiro, jamais identificado propriamente, que narra e transcreve os diálogos. Tratam-se de curtas e mordazes reprimendas ao que no Brasil se faz de errado e

<sup>328</sup> Cavalheiro, 1955. p. 356.

<sup>329</sup> Chateaubriand assume a chefia de *O Jornal*, fundado cinco anos antes, em 1924. O periódico sobreviveu à sua morte, em 1968, sendo encerrada a publicação seis anos depois. *O Jornal* foi bastante relevante no contexto da renovação editorial jornalística empreendida por “Chatô”, sendo um dos embriões dos poderosos *Diários Associados*.

ineficiente, em termos de sociedade, política e economia, em contraposição principalmente ao modelo americano, descrito entusiasticamente como mais evoluído e proveitoso.

Curioso notar que as críticas aos procederes brasileiros se dão, nesses tempos americanos de Lobato, não por um americano, e muito menos por um brasileiro, mas sim por um inglês. Um “inglês da Tijuca”, afastado de Lobato em língua, nacionalidade e localização mesmo no Brasil. A preocupação de distanciação com esse *alter ego* é tanta que na obra que compila suas primeiras “aventuras”, *Mister Slang e o Brasil*, Lobato escreve uma breve e irreverente biografia apresentando ao leitor a intrigante personagem:

Quem é este Mister Slang?

John Irving Slang nasceu na cidade de Hull, em 1872, e fez estudos em Cambridge. Muito jovem ainda deixou a ilha e partiu a correr o mundo, ganho de uma insaciável fome de pitoresco. Esteve na Índia, na Nova Zelândia, nas Ilhas Salomão, no Havaí, em Sarawak e outras inconcebíveis terras de gente cor de pinhão. Por fim veio ao Brasil, onde enalhou por quarenta anos no mais lindo bangalô do Alto da Boa Vista.

Absorveu-se em estudos das nossas coisas, depois que se retirou dos negócios, cheio de libras e notas da extinta Caixa da Conversão – a qual o bigodeou indecorosamente, seja dito de passagem.<sup>330</sup>

*Mister Slang e o Brasil* tem uma estrutura consideravelmente simples e bastante nítida. Composto por capítulos curtos representando, cada um, um comentário sobre um ponto específico da deficitária realidade brasileira (como câmbio, imigração, taxaço), são essencialmente historietas desenvolvidas por diálogos entre dois interlocutores, como previamente referido: Mister Slang e um seu amigo brasileiro, que discutem e fazem comentários ligados ao “senso comum” (dos leitores e dos brasileiros), enquanto jogam xadrez, passeiam e se ocupam dos afazeres cotidianos.

---

<sup>330</sup> Lobato, 2008, p. 21.

O brasileiro é desinformado, de pensamento simplório e bastante reticente frente à retórica e ideias do britânico. De iniciativa tibia, muitas vezes receia se expressar, demonstra apaixonado fascínio pelas teorias do amigo e age evidentemente de contraponto para a personagem-título apresentar seus raciocínios. Suas participações são bem marcadas: servem para avançar as teorias do comparsa inglês, para pontuar alguma ideia que deve ser negada e até como alívio cômico, por sua caricata desinformação, volubilidade opinativa e reações emocionais aos problemas que lhe são fria e calculadamente apresentados.

Mister Slang é construído por Lobato como um observador “idôneo”. Está no Brasil há quatro décadas, pouco menos que a idade de Lobato – pode-se inferir que Lobato o retrata quase como alguém com experiência em coisas do Brasil superior à sua (ou quase tão abalizada e digna de confiança). É, portanto, um avatar de respeito, sem satirismo, feito de modo a nem sequer apresentar uma “reverência” demasiada: Mister Slang não é humoristicamente a apologia de um “mundo ianque”, mas um sensato inglês que aponta nossas imperfeições brasileiras.

## **b) Exemplos de quem “deu certo”**

O remédio para os males do país, o que nos diz o discurso, deve ser mudar o rumo das coisas. O narrador brasileiro – como de resto todo o Brasil, parece dizer Lobato – é incapaz de entender a dinâmica das coisas que atrasam seu país. Mister Slang, então, por meio de curtas e engenhosas explicações, e farto apoio de parábolas e metáforas, convida a uma mudança de pensamento.

O livro entra em uma chave que talvez seja sua razão maior de existência: a definição teórica de um “outro Brasil”, nos moldes do que Mister Slang considera justo e acertado para o progresso do país em que está. Esse novo Brasil se assemelha em muito aos Estados Unidos que empolgavam Monteiro Lobato no período, e Mister Slang não se recusará a apontar os caminhos que considera oportunos:

Mister Slang tomou fôlego. Depois disse:

— Há de haver uma causa para que o Brasil, com o seu imenso território e os seus trinta milhões de habitantes, seja um dos países mais pobres do mundo.

— Talvez que a gente não preste... — ia aventurando eu. Mas Mister Slang tapou-me a boca:

— Depois que Henry Ford demonstrou como se aproveitam até cegos e aleijados, ninguém tem o direito de alegar o que não presta. Tudo presta. Até um cego, um estropiado presta. A questão toda está em *proporcionar-lhe condições para prestar*. O mesmo cego que aqui não presta para coisa nenhuma em Detroit produz igual a um homem perfeito e ganha 6 dólares diários. O brasileiro precisa de condições para prestar – e a condição número um é a fixidez da medida do valor, a moeda.<sup>331</sup>

Mister Slang não inventa seu otimismo, pois não é otimista: é pragmático. O exemplo foi dado por outro país, um país que funcionou, que tem um homem de visão (Henry Ford) a aproveitar a eficiência dos trabalhadores em máxima escala. Trata-se de se aproveitar o que se tem, para os fins possíveis.

Interessante observar que o brasileiro, amigo e discípulo do inglês da Tijuca, faz as vezes do “desistente”, desertor do que se pode fazer para seu próprio país melhorar. Acredita em teorias científicas ultrapassadas, presumivelmente: a de que gente dos trópicos não presta, não sabe trabalhar e não alcança grandes resultados, pois nasceu fadada a pequenas realizações, por conta do clima e de sua constituição física e cultura.

Os valores de Mister Slang, por outro lado, são despersonalizados. As trinta milhões de pessoas que habitam o Brasil de então “prestam”, mas não são individualizadas, talvez nem individualizáveis. São trabalhadores, peças que podem ser usadas para o progresso do país, nos moldes da linha de produção fordista. Dadas as “condições para prestar”, todas as trinta milhões de pessoas, espalhadas no gigantesco território brasileiro, podem servir ao conserto do que ora está desarrumado.

---

<sup>331</sup> Lobato, 2008, p. 42.

No entanto, há um entrave para isso, o que Mister Slang mais criticará ao longo dos colóquios: a ação dos políticos, ou melhor, a inércia dos homens públicos, a ignorância dos poderosos, os arranjos dos burocratas. A moeda, por exemplo, não se fixa por problemas que podem ser contornados e compreendidos por todos, como o inglês da Tijuca passará a demonstrar a seguir:

— Estou compreendendo, Mister Slang. O câmbio, o cambista, o homem que desconta os vales do governo impontual, só aparece quando o emissor do vale foge ao seu pagamento...

— Isso mesmo. Mas esse particular que desconta os vales do governo está claro que o faz para ganhar dinheiro, e nunca paga o vale pelo valor nominal. Paga o que no momento lhe convém pagar, 10%, 30%, 50% ou 60% do valor nominal, conforme a taxa de câmbio, isto é, conforme todos quantos fazem esse negócio de desconto acham que nesse momento devem pagar.

— Quer dizer que câmbio, isto é, desconto de vales do governo por particulares, só existe quando o governo não paga fielmente os vales que emite?

— Claríssimo! Desde que o emissor dos vales cumpra o seu dever, a sua palavra, a sua promessa, extingue-se a classe dos descontadores de vales, dos cambistas, dos que vivem à sombra e como produtos lógicos da desonestidade dos governos.

— Estou entendendo. E também compreendendo as razões do clamor contra a estabilidade...<sup>332</sup>.

O narrador brasileiro desconhecia os meandros dos fatos expostos por Mister Slang (“quer dizer que...”), que explica a situação com eficácia e torna o motivo “claríssimo” ao amigo, que, finalmente, passa a “entender” a questão. E não só entende por que a moeda não se fixa (não fica estável), como entende por que a não querem fixar (“o clamor contra a estabilidade”): má utilização dos fundos públicos, ineficiência administrativa, gestão deficitária.

---

<sup>332</sup> Lobato, 2008, p. 37.

Mister Slang fala por Lobato quando louva Henry Ford, “esse genial reformador da indústria”<sup>333</sup>. Sem muito disfarce na defesa dos ideais fordistas, Slang-Lobato elogia a organização das empresas de Ford, considerada exemplar sua visão de trabalho e eficiência, o esquema distributivo de funções. Para Ford, Mister Slang e Lobato, “não há trabalho mais nobre ou menos nobre. Há trabalho, apenas. Varrer ou desenhar plantas: tudo é trabalho”<sup>334</sup>.

Um ponto importante de *Mister Slang e o Brasil* é que não sendo “explícita” a apologia de Lobato aos Estados Unidos, o escritor tenta dar exemplos universalizantes ou que abrangem outras perspectivas. Para comentar a situação das indústrias brasileiras, o exemplo é dado com um país fronteiro ao nosso:

— De modo que para Mister Slang as nossas indústrias protegidas constituem um mal... Mas não negará que muito nos serviram durante a conflagração européia.

— Ponto a discutir. Mas dou de barato que assim tenha sido e pergunto se é argumento sério. Conservar no organismo uma ordem de coisa viciosa, que o debilita, que o mata, só porque num eventual caso de guerra possa tornar-se um momentâneo bem, será fórmula defensável? Faz-me lembrar um homem que andasse léguas e léguas descalço, a ferir as solas nas pedras do caminho, só para beneficiar-se com a frescura da água de um riacho eventual que tenha de passar a vau. A Argentina, que não tem indústrias falsas, não se arrumou perfeitamente durante a conflagração? Não saiu ganhando, não está mais próspera do que nunca, ao passo que o Brasil geme no atoleiro, enterrado até ao nariz?<sup>335</sup>

Ainda que não faça parte de nosso escopo tratar da admiração de Lobato pela terra argentina, cabe, para complementação das ideias aqui desenvolvidas, determo-nos um pouco no fenômeno<sup>336</sup>.

<sup>333</sup> Lobato, 2008, p. 87.

<sup>334</sup> Idem.

<sup>335</sup> Lobato, 2008, p. 70.

<sup>336</sup> Na biografia lobatiana, a Argentina tem um papel proeminente sobretudo no fim de sua vida: exilado, por conta própria, do país após a vitória de Eurico Gaspar Dutra, candidato “avalizado” por Getúlio Vargas, desafeto do

A Argentina, sob certo prisma, era o exemplo mais próximo do que Lobato idealizava, guardadas as proporções com o caso americano. O país vizinho ao Brasil se configurava assim como um “Estados Unidos da América do Sul”. Ele também usa o exemplo argentino para falar do voto livre, das eleições democráticas, um exemplo de país que “deu certo” porque usou adequadamente o processo tido por correto.

Assim, que não se estranhe Lobato voltar à carga – nem Mister Slang, que não se considera um defensor ou apologista dos Estados Unidos, mas um homem que tem lucidez para entender os eventos que levam a desmazelos e que pode criticá-los com embasamento e aproveitamento. Isto é, tanto faz se o exemplo funcionou nos Estados Unidos ou na Argentina: o Brasil aqui é o errado, defasado, incorreto; siga-se o modelo adotado por quem acertou e acertar-se-á também.

Repare-se também como o discurso de Mister Slang, e o de Lobato, visam ao convencimento por meio da utilização de imagens simples, compreensíveis a todos, do interlocutor brasileiro do inglês aos leitores de *Mister Slang e o Brasil*. As indústrias deficitárias brasileiras são tratadas como uma doença que não sai do organismo vivo do país, uma ideia forte e inteligível a todos, irmanada ao quadro que tornou Lobato célebre com a descrição do Jeca Tatu em *Urupês*. Uma espécie de “doença de estimação”, que a falta de comprometimento com os bons valores (sanitários, no caso do Jeca, político-sociais, no caso das indústrias) vai perpetuando, terminando por deixar a cena quase natural àquele ente – “Conservar no organismo uma coisa de ordem viciosa”.

Também o inglês faz parábolas e metáforas com frequência, ilustrando o que disse com comparações simples. No excerto transposto, refere-se a um viajante que machuca os pés sem qualquer promessa de que seu desejo terá satisfação. Mister Slang diz que o viajante é o Brasil, e o desejo sem expectativa é o do funcionamento de

---

escritor, Lobato decide passar uma temporada com a família na Argentina. Lá se envolve em atividades editoriais e lança com noticiado sucesso vários de seus livros, sobretudo os infantis. Além dos Estados Unidos, a Argentina é a única outra terra estrangeira por onde Lobato passou e residiu.

suas indústrias. Para ele, confiar nas problemáticas indústrias brasileiras equivale à eventualidade de se deparar com um arroio, andando a esmo numa jornada sem planejamento (o viajante está descalço e sedento).

Deveras surpreendentemente, será Mister Slang quem injetará no desanimado amigo brasileiro a crença de que, para consertar o Brasil e equipará-lo às nações que “deram certo”, precisa-se antes deixar de descrever no país:

— Já vimos o que isso vale e não consigo admitir que certas medidas de simples honestidade só possam ser aplicadas na América do Norte. Apesar de britânico, vejo o Brasil com melhores olhos do que a maioria dos brasileiros. Noto entre vocês uma descrença excessivamente generalizada.

— E temos razão para isso — gemi (...).

— Terão razões, mas não terão o direito de descrever do país. A boa vontade e o amor ao bem público operam prodígios.

— Sei disso. Mas a nossa mentalidade política se divorciou demais do bem público. Perdeu-o de vista. Só enxerga o bem pessoal.

— Não participo dessa descrença, meu amigo. Basta que um homem no alto creia no bem público para que os maiores milagres se operem. E isso é mais fácil no Brasil do que em qualquer outra parte, uma vez que a forma real de governo aqui é a de uma perfeita ditadura sob aparências constitucionais.

— Fácil dizer, Mister Slang. Os óbices são tremendos...

— Mas não insuperáveis. Não há óbices insuperáveis para a boa vontade. E eu já noto por cá um começo de reviravolta na mentalidade.<sup>337</sup>

As razões para o desânimo são profundas, e Mister Slang deter-se-á em várias delas. No entanto, lastimar-se não significa nem agrega coisa alguma ao problema, antes o torna estático. Daí os apelos aos ideais sentidos pelo inglês e por Lobato: a boa vontade, um homem justo e de visão, o valor do trabalho e do empenho pessoal.

O Brasil, graças aos brasileiros, pode subir. A honestidade não existe apenas na América do Norte, vide o caso argentino. A

<sup>337</sup> Lobato, 2008, p. 116.



desconfiança excessiva, no entanto, emperra os desejos de mudança, como se não “valesse a pena” considerar os problemas e tentar solucioná-los. Contra isso, Mister Slang se coloca.

### c) Brasil, um país errado

O Brasil que Lobato apresenta e Mister Slang comenta em *Mister Slang e o Brasil* é um país *raté*, que “deu errado”, fracassou; que pode ter esperanças e saídas para suas mazelas, mas não as vê nem aproveita as oportunidades. É um cenário de crise, portanto – crise sobretudo econômica. O inglês coloca as coisas em perspectiva deste modo:

— Esquecem-se de que, avariado e a fazer água como está o navio, torna-se duvidoso que alcance tais latitudes...

— É concertá-lo, tapar a água até que o navio lá chegue.

— Mas se justamente o balouço excessivo da nau é o que impede os reparos, homem! Dizem uns: primeiro equilibrar os orçamentos, primeiro fazer a paz. Mas o desequilíbrio financeiro é em grande parte efeito da instabilidade.

— Mister Slang não irá dizer que a revolução também procede da instabilidade.

— Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal-estar econômico. País que prospera não faz revoluções. Equilíbrio de orçamento! Como, se a moeda é móvel? Como organizar um orçamento de despesas, se parte delas é em ouro e no fim do ano o ouro pode estar valendo o dobro ou a metade? Tolices, meu caro. Chicanas. A base de tudo é a fixidez. Primeiro, estabilize; depois faça o que quiser. Estabilize, e o problema financeiro se resolverá por si mesmo. Estabilize, e a revolução perderá a sua razão de ser.<sup>338</sup>

A instabilidade política – as revoluções, como as do tenentismo, as revoltas populares e todo o caldeirão de causas do fim do que hoje chamamos República Velha, que tiraria Washington Luís da presidência em poucos anos e instauraria a Era Vargas – e as mazelas

---

<sup>338</sup> Lobato, 2008, p. 41.

sociais são, diz Mister Slang, frutos de uma única ou maior causa: o desarranjo econômico – “País que prospera não faz revoluções”. Orçamento equilibrado, moeda forte e fixa, sem câmbios móveis como o ouro, acabam, nessa ótica, com as razões mais fortes de crise.

O brasileiro, exercendo seu papel de ingênuo questionador, aceita as metáforas de Mister Slang (que compara a economia a um navio, ou à condução desse navio). porém não as entende em profundidade. Daí seu parceiro a recriminá-lo: “justamente o balouço excessivo [a instabilidade econômica] é o que impede os reparos, homem!”. O inglês se choca com a ignorância do amigo, que não vê as evidências que se lhe estão diante dos olhos.

A dinâmica continua: prosseguindo a conversa, o brasileiro, incrédulo, não acredita que Mister Slang relaciona ao saneamento das finanças do país sua estabilidade sociopolítica. Ao que o inglês responde com conforto: “Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal-estar econômico”. As causas podem ser muitas, mas a causa última, a definitiva, é a econômica. Lobato acena com clareza, como Mister Slang: o Brasil está instabilizado por sua economia deficiente, advinda de uma política defasada, atrasada.

Pouco adiante, a conversa é retomada mais explicitamente ainda:

— O pobre Brasil tem sido vítima do corre-corre da adaptação a que a instabilidade da moeda o força. Suponha um negociante que fosse obrigado a mudar de casa todos os meses. Que sucederia?

— Todo o seu lucro ir-se-ia nas despesas de mudança e prejuízos conseqüentes. Diz o povo que três mudanças equivalem a um incêndio.

— Pois o pobre Brasil é um negociante que tem de localizar a sua quitando em 27 casas diferentes, conforme as intimações de Mister Câmbio. Como há de o coitado prosperar?

— Realmente. A vida do Brasil tem sido um sair de uma crise para entrar noutra.

— Justo. Chamam vocês crise às mudanças de casa cambial. Crise quer dizer desequilíbrio. Para a volta a um equilíbrio

novo há destruição de energias e bens. Como pode enriquecer um coitado destes?<sup>339</sup>

O Brasil é tratado de forma personificada por Mister Slang, que cria uma narrativa em que o país é um negociante a sofrer com as intimações de um estrangeiro (feito ele, ironicamente), Mister Câmbio, que altera o valor da moeda, por assim dizer, e prejudica o trabalho do Brasil, impossibilitando a estabilização de sua vida e finanças.

O narrador brasileiro, que só faz concordar, pontua uma conclusão e outra do inglês e viabiliza a conclusão do inglês da Tijuca: não dá para enriquecer com tanta mudança de condição. É o que Mister Slang, precisamente, define como “crise”: o desequilíbrio. E não se pode progredir com essa mudança perpétua e sem critério. Daí as crises se sucederem.

Os problemas apontados, contudo, são encarados pelas personagens como chagas a serem curadas, atrasos que precisam ser corrigidos. Não apenas um dedo apontado, conjunto de críticas vãs. O intuito do autor de *Mister Slang e o Brasil* se estipula com segurança: demonstrar que os rumos brasileiros, que julga deficientes e atrasados, podem ser ajustados. Como reconsiderou o Jeca Tatu em *Problema vital*, Lobato parece dizer: “o Brasil não é assim; está assim”...

Em um dos colóquios temos importante e reveladora exposição de princípios e motivos, quando Mister Slang conversa a respeito da burocracia que verifica em território brasileiro:

— E que acha deva o governo fazer, Mister Slang? Qual o meio de corrigir-se isso?

Mister Slang estava nesse dia de muito bom humor. Assim foi que me respondeu de um modo desnordeante:

— Corrigir para quê? — disse ele. — Se é um elemento do pitoresco local, por que destruí-lo? Todos os povos possuem os seus característicos. Na Alemanha podemos observar a organização levada a extremos inconcebíveis. Nos Estados Unidos vemos a eficiência como a mira de tudo.

---

<sup>339</sup> Lobato, 2008, p. 42.

Modos de ser de cada povo. Se o Brasil prefere o pitoresco, respeitemos-lhe a preferência...

— Esse ponto de vista — exclamei abespinhado — será o de um estrangeiro que não se liga de amor a este país. Um nacional nunca poderá encampá-lo.

— Tem razão o meu caro amigo. Confesso que moro no Brasil apenas levado pelo meu amor ao pitoresco. As coisas brasileiras divertem-me tanto... Não as quereria na Inglaterra, está claro. Mas aqui, onde funciono de espectador apenas, confesso não desejar mudanças. Gosto muito de Mark Twain e possuo toda a sua obra. Pois creia que a *Central*, por exemplo, me diverte mais que *The stolen white elephant*, a obra-prima, para mim, do terrível humorista americano. Ora, o Brasil não é tão rico em coisas originais para que se dê ao luxo de destruir, reorganizando-a em moldes civilizados, a sua ultrapitoresca estrada de ferro...<sup>340</sup>

Destacamos o que dissemos sobre a Argentina, agora voltado à Alemanha: todo exemplo é válido para aludir a quem procedeu do modo correto.

No entanto, logo após o exemplo “universal”, vem o “ideológico”, isto é, os Estados Unidos. Fala-se de sua eficiência, um dos fatores sempre lembrados e referenciados por Lobato para alicerçar seu apreço pelo país americano. Para Mister Slang, a eficiência é uma marca inata do povo americano, uma de suas características constituintes. A do Brasil, em contraposição, é o pitoresco, uma espécie de “folclorização” deliberada, que serve ao anedotário, que tem graça e colorido, que é do espírito do país, mas não se trata de fator positivo. Mister Slang está sendo irônico e pouco deferente para com as instituições brasileiras, que julga ineptas; e seu amigo brasileiro, percebendo a mudança de chave, ressent-se e reclama. É o ponto de vista de um estrangeiro...

Mister Slang leva o sarcasmo a outro patamar e aponta o Brasil como uma sátira (real) mais absurda que os textos humorísticos de Mark Twain (1835-1910), escritor que, assim como Mister Slang, Lobato apreciava sobremaneira, chegando a traduzir posteriormente

---

<sup>340</sup> Lobato, 2008, p. 81-82.

obras suas<sup>341</sup>. Na segunda metade do livro, a chave para a leitura dessa observação do inglês parece ser a de que há no Brasil certas coisas tão estapafúrdias que a única saída contra o desespero é enxergá-las pelo abundante viés cômico.

Ainda assim, a “amargueza” de Mister Slang não encontra paliativos quando o assunto é a torpeza e a inabilidade dos governos que vêm e vão no Brasil e não resolvem nada, sequer semeiam a possibilidade de que um dia as coisas sejam diferentes. É com desiludido cansaço que o inglês da Tijuca comentará mais adiante:

— Do que Mister Slang acaba de dizer concluo que com um pouco de boa vontade podemos endireitar a Central.

Mister Slang meneou a cabeça.

— Absurdo. Nunca o Brasil endireitará essa estrada. Não existe essa intenção em ninguém. Os políticos se beneficiam com esse mau estado. Milhares de parasitas perderiam as tetas se ela entrasse nos gonzos. A regeneração da Central só aproveitaria ao público – única entidade sem a menor voz ativa em coisa nenhuma neste país.

— Mas o fato de a política e os parasitas se beneficiarem com o dismantelo da Central não provará que até no dismantelo há um lado benéfico?

— Para os bacilos que roem os pulmões de um doente, nada mais benéfico que a debilidade geral do organismo desse doente. Sem ela não viveriam eles. Mas que acha o meu amigo de um médico que à cabeceira de um doente vacilasse na cura, em atenção aos bacilos que lhe devoram os pulmões?

— Um absurdo. Médico nenhum vacilaria entre a cura do doente, benéfica a este a toda a comunidade, e a manutenção do estado de doença, só benéfica aos bacilos.

— Pois todos os nossos governos vacilam. Nenhum deles se anima a sanear a Central, em atenção aos bacilos que a vêm entisicando. Os parasitas gozam de “direitos adquiridos”.

---

<sup>341</sup> Constam pelo menos as traduções de *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huck Finn*, sua continuação. A primeira foi realizada em 1934, como informa Fernanda Bondam Soppelsa (2015); a segunda, em 1936, segundo Denise Bottmann (2011). Ambas, portanto, poucos anos após a volta de Lobato dos Estados Unidos.

— Não pode haver aquisição de direitos imorais, nocivos à sociedade humana — adverti.

— No Brasil há. Boa parte do que aqui recebe o nome de direito adquirido é sinônimo de abuso, de lesão do direito natural que tem uma comunidade de se defender contra os parasitas sociais. Eis por que não creio no vosso país. É um país errado. Tem de desaparecer...<sup>342</sup>

Nesse duro diálogo, Mister Slang mantém a coerência: faz a mesma comparação com um corpo doente que apontamos páginas atrás. Porém, desta feita, o humor cede ao desencantamento. O Brasil não funcionará, só as parasitas prosperam e firmam seus direitos, sugando as parcas energias do corpo já debilitado do país.

Os “governos vacilam”, o povo é a “única entidade sem voz ativa” para mudar os rumos do país. Mister Slang está cansado. O brasileiro, em vez de disputar com ele e se ofender, também se indigna, usa o mesmo vocábulo para exprimir o que nota errado e o amigo inglês reforça: absurdo.

Agora o que temos não são sugestões para a melhoria do país, nem exemplos de fora. Os (contra-)exemplos são daqui, e não se relacionam a qualquer utopia de aperfeiçoamento. Os governos daqui, os problemas estruturais daqui, os direitos das sanguessugas daqui. Não é de hoje, nem de agora. O corpo doente não resiste a tanta intrusão maléfica. Todos os governos são culpados, nenhuma voz ativa se faz ouvir pelas pessoas; não há ressalvas, completo cenário de desalinho, sem exceções avistáveis ou consideráveis.

O único modo de ver o aspecto positivo da situação é pelo aspecto absurdo, tantas vezes referenciado. O desleixo favorece os parasitas... Todavia, é evidente que esse ponto de vista não pode ser endossado, e tanto Mister Slang quanto seu amigo brasileiro percebem essa contradição que pulsa no corpo doente do Brasil.

Mister Slang, em revelador desânimo, deixa patente que não acredita nas chances de recuperação do país em que está. “É um país errado... Tem de desaparecer...”.

---

<sup>342</sup> Lobato, 2008, p. 88-89.

Presumivelmente para se proteger de um paradoxo estrutural em Mister Slang – se ele despreza tanto o país, que faz aqui? –, Lobato justifica assim sua permanência em território brasileiro:

Mais tarde vim a saber que Mister Slang se dedicava ao estudo do parasitismo humano e tinha planos de publicar na Inglaterra um tratado a respeito. A razão da sua residência no Brasil prendia-se a tais estudos.

— O campo cá é maravilhoso — disse-me certa vez. — Em parte nenhuma do planeta o parasitismo se aperfeiçoou tanto, nem assumiu tão engenhosas formas. O Brasil pode gabar-se de um recorde...

Entristeci-me (...). Por mais que procure desinteressar-me das nossas coisas, não o consigo, e isso me faz infeliz.<sup>343</sup>

Para o estudo do parasitismo, Mister Slang elegeu o Brasil como o palco ideal de fenômenos do tipo. Observa-o com lentes empíricas embebidas no humor de observação, visando a publicar na pátria um texto sobre o desmazelo verificado no país latino. Ao brasileiro, resta se entristecer por não estar suficientemente distanciado do objeto em questão.

O inglês, ao se despedir no final dos colóquios, pontua:

— É que parto amanhã para Hong Kong e vim despedir-me da cidade — foi sua resposta.

Assombrei-me. Aquele homem partia para a China como nós partíamos ali para a Vista Chinesa, sem aviso prévio, sem atoar os ouvidos do mundo com o brasileiríssimo grito de guerra: ‘Vou para a Europa, sabe?’. Viajar para Mister Slang era coisa tão comezinha como tomar um café expresso...

— E qual o motivo, Mister Slang, da sua fuga, se não é indiscrição?

— Cansaço do Brasil.

— Detesta assim o nosso país?

— Ao contrário, adoro-o, e para meu estudo sobre o parasitismo não creio que haja no mundo campo melhor...

— Sempre a cobaia...

---

<sup>343</sup> Lobato, 2008, p. 92-93.

— Mas como tudo cansa, costume periodicamente descansar do Brasil. O ano passado descansei do Brasil na Suécia e cansei-me logo da Suécia. A ordem que lá reina é excessiva, meu caro. Mata o pitoresco. Ao cabo de três semanas voltei, saudoso deste maravilhoso Éden dos imprevistos.<sup>344</sup>

Pêndulo entre o anseio pela correção e o gosto pelo absurdo, Mister Slang faz de suas viagens uma inconstante busca de extremos – da ordem à desordem e vice-versa. Chama o Brasil de “Éden dos imprevistos”, onde não há a ordem “excessiva” que verificou na Suécia. Cansa-lhe o perfeito funcionamento das coisas e a total bagunça instituída.

O próprio Lobato fez as vezes de Mister Slang em muitos momentos posteriores, inflamado em suas críticas contra as estruturas políticas e econômicas do país. O escritor disse em 1941 que “*o governo no Brasil não passa de pura emanção da burocracia*. Os homens do governo, presidentes, ministros, legisladores, têm e dão ao povo a impressão de governar, mas quem na realidade governa é a burocracia”<sup>345</sup>.

Resta difícil separar as conclusões de Mister Slang das de Monteiro Lobato. Para Edgard Cavalheiro, Lobato “se divertia impingindo como alheias as observações do inglês”<sup>346</sup>. Ambos pregam a refundação do país que “deu errado” e estrebucha, comido pelos vermes da ineficiência e da burocracia paralisante.

## 2. Lobato turista americano ou Mister Slang *abroad*: *América*

### a) Mister Slang para o resgate

O outro livro em que Mister Slang aparece, *América*, é publicado em 1932, um ano após a volta de Lobato para São Paulo, e consta nos planos de suas obras completas como “impressões de

---

<sup>344</sup> Lobato, 2008, p. 125.

<sup>345</sup> Lobato, 2009, p. 81.

<sup>346</sup> Cavalheiro, 1955, p. 342.



viagem”. *América* é de algum modo um apanhado de novos colóquios entre Mister Slang e o brasileiro, novamente narrador, que se reencontram anos depois das conversas descritas em *Mister Slang e o Brasil*.

Se *Mister Slang e o Brasil* era um “ideal americano” de Lobato, *América* é o Lobato que já viajou aos Estados Unidos, conheceu algumas de suas instituições e organizações, provou das glórias e fracassos do *American establishment* – perdendo dinheiro no famoso *crack* da Bolsa de Nova Iorque, por exemplo; Cavalheiro indica que, “sempre superlativo nos entusiasmos, a corrida à riqueza rápida o atrai como poderoso ímã. Também especula na Bôlsa com os poucos recursos de que dispõe. Quando em outubro de 1929 sobrevém a crise fatal, tudo quanto possui rola nas águas do craque”<sup>347</sup> – e continua fascinado por seus mitos fundacionais e o mítico espírito empreendedor estadunidense. Com uma diferença capital: agora já pode se portar de modo mais crítico e ponderar algumas questões: o coloquialismo vocabular, a confusão ideológica em tempos pré-Guerra Fria, a censura na arte (mais especificamente no cinema), entre outros tópicos.

Observemos como a experimentação pessoal muda ou adensa o discurso do autor. É o narrador quem diz:

“Washington é um símbolo de pedra. A historia americana está toda ali. Basta uma visita á cidade para que os fatos capitais da formação politica da America se desenhem para sempre em nosso espírito. Daí a forte reamericanização que sofrem os americanos de visita á capital. Saem de Washington mais americanos, mais exaltados na tremenda fé em si propios que acima de tudo os caracteriza. Povo eleito para os mais altos destinos, Washington é o crisol místico onde se sublima essa fé cega. *From Washington we go home better americans*”<sup>348</sup>

*América* se mostra, portanto, um livro menos “direto ao ponto” que o anterior. No sentido de que busca não só criticar nossos

<sup>347</sup> Cavalheiro, 1955, p. 368.

<sup>348</sup> Lobato, 1951a, p. 32.

costumes, mas comentar visões, projetos, idiossincrasias permeadas por um saber vivenciado pelo escritor. Há mais capítulos, a obra é mais encorpada, Lobato se detém descrevendo em minúcias ambientes, fatos e anedotas americanas.

Cumprir observar que o discurso de uma obra que nasce pronta como livro também tem efeitos diferentes do que se verifica num jornal, com todas as questões logísticas, de abordagem e editoriais concernentes. A liberdade formal se manifesta em certas decisões: há capítulos sem colóquios, uma mudança radical comparada à forma rígida do livro anterior<sup>349</sup>. Nesses capítulos a dinâmica se faz diferente, com extensa descrição de ambientes e fatos, como o verdadeiro diário de um turista, e também comportam elucubrações “a sós” do brasileiro, que reflete sobre o que vê e sente.

No prefácio da obra, o narrador conta, à guisa de mal disfarçado “gancho” com o livro anterior, as impressões que Mister Slang lhe deixou e o que disso adveio:

As ideias de Mr. Slang sabiam á minha simplicidade d'alma como a propria quintessencia dos fatos destilada em alambique de alta precisão. Durante o periodo em que com ele convivi gosei de intensa euforia, a ponto de julgar-me genio em trabalhos de desabrochamento. Tinha o inglês da Tijuca o poder de fecundar em mim germens de ideias, ou transmitir-mas em jacásinhos, já de raiz – e assim me transformou por uns tempos num lindo jardim de coisas raras, senão novas.

(...)

Impingi aos amigos as ideias de Mr. Slang como se minhas fossem, muito me regalando com o espanto deles.

Com o seu afastamento sofri enorme decepção. (...) Compreendi, então, que na minha simbiose mental com o inglês meu papel fôra apenas de parasita – que tudo tira e nada dá em troca.

Nunca mais vi, nem tive noticias de Mr. Slang, isso durante anos. Um belo dia, porém, em Washington...<sup>350</sup>

---

<sup>349</sup> Para precisar, registramos que se trata dos capítulos XV, XXI e XXIII, além do prefácio.

<sup>350</sup> Lobato, 1951a, p. 8-9.

Mister Slang funcionou no livro anterior, agora o narrador o confessa (como se não fosse evidente), como um mentor para o brasileiro, a pessoa que lhe abriu os olhos e expandiu os conceitos – que, numa chave reveladora, adota para si. Essa confusão entre o narrador e Mister Slang, e de certo modo entre eles e Lobato, é uma das técnicas do escritor para fazer valer suas ideias.

Em relação às semelhanças com *Mister Slang e o Brasil* (o que pode ter levado Lobato a querer continuar a “saga” das duas personagens), o britânico Mister Slang continua um discreto apologista dos avanços ianques, e o narrador brasileiro continua envergonhadíssimo das deficiências brasileiras para com os Estados Unidos. É como se os anos que passaram separados não fizessem sentido: Mister Slang existe para explicar o atraso do Brasil, o brasileiro existe para reconhecer o avanço do resto do mundo. Por isso o prefácio, no qual o narrador declara tacitamente sua necessidade de tutoria intelectual por parte do inglês, reconhecendo-se deficitário espiritualmente desde que se perderam de vista. As razões são de feições diversas. O narrador chega a apontar que sua vida pessoal se ressentia da ausência de Mister Slang; sem o colorido de suas opiniões, o brasileiro, despido da verve comunicativa e a fineza de investigação de seu colega, não consegue manter por muito tempo como suas as opiniões alheias, e tristemente afirma que “os amigos desertaram-me. Com grande desapontamento, passei a simples pedaço do bicho Toda-Gente – peludo, sorno, sovado, carne-de-vaca”<sup>351</sup>. O prefácio grita a urgência do retorno de Mister Slang, em benefício do desacorçoado rapaz.

A estrutura de *América*, no entanto, em certo sentido se revela antitética à de *Mister Slang e o Brasil*: se nos primeiros colóquios a questão se resolvia sobretudo verbalmente, em *América*, os passeios pelas localidades dos Estados Unidos trazem novas dimensões, perspectivas e facetas às discussões sobre as especificidades americanas e o respectivo contraponto à realidade brasileira, como se agora confirmassem “na prática”, vendo para crer.

---

<sup>351</sup> Lobato, 1951a, p. 9.

A pesquisadora Vanessa de Paula Hey aponta que, “em *América*, esses passeios instrutivos são uma das formas pelas quais o narrador entra em contato com esse novo mundo, onde descobre lugares diferentes dos já visitados por ele antes e também vivencia todo o progresso dessa grande nação”<sup>352</sup>, um desdobramento prático de uma dimensionalidade antes descrita teoricamente.

Não se pode chamar de exígua a contribuição do novo foco ótico, por assim dizer; com exemplos concretos, toda a argumentação parece se fortalecer, bem como pode interessar e atrair pelo pitoresco a descrição dos prédios e situações cotidianas, os casos muito comentados – como o julgamento do comediante cinematográfico Roscoe “Fatty” Arbuckle<sup>353</sup>.

Sob esse ângulo, *América* se diferencia de *Mister Slang e o Brasil* por ser bastante mais documentado, com números, estatísticas e notícias recentes, usados pelo inglês da Tijuca em suas argumentações como fator relevante para provar suas alegações. Milena Ribeiro Martins conclui que

Mais do que um passeio pelos Estados Unidos, *América* funciona como um convite à leitura daquele país, por meio do contato com textos e ideias que lá circulavam. Não por acaso, seu autor era um editor e um tradutor: ele selecionou, traduziu e pôs em circulação, no seu país, textos e ideias do país visitado.<sup>354</sup>

## b) O Brasil nos Estados Unidos

Lobato não perde o Brasil de vista, mesmo num livro que é, desde o título, sobre os Estados Unidos. Seja porque uma de suas intenções é “abrir os olhos” dos brasileiros, que consumiriam seu *América*, seja porque, afinal, o Brasil é, aos olhos do escritor, um

---

<sup>352</sup> Hey, 2018.

<sup>353</sup> Referenciado por Lobato pelo nome com que ficou conhecido no Brasil, Chico Boia.

<sup>354</sup> Martins, M., 2017, p. 27.

contraponto perfeito em algumas situações – quando denuncia a ineficiência de nossas instituições e governados.

Ao comentar a marcha inexorável do progresso, Mister Slang afirma que “a America impõe rapidez de julgamento e trote largo. Quem fôr lerdo de cabeça ou de movimentos, que emigre, para não ser esmagado. Países onde ninguém corre não faltam”<sup>355</sup>; logo depois, no capítulo seguinte, traz o Brasil como contraexemplo:

Veja no seu país [falando ao amigo brasileiro] que desastre está sendo a interferencia oficial no negocio do café. Houve um desequilibrio entre a produção e o consumo. Em vez de deixarem que o natural reajuste se fizesse, surgiu a intervenção do Convenio de Taubaté – semente da maior calamidade que vai desabar sobre o Brasil.<sup>356</sup>

O narrador brasileiro questiona essa visão e, apresentando imediatamente seu ceticismo, força o parceiro inglês a entrar em detalhes: então Mister Slang usará números, dados e até informações de que dispõe tirando “da valise um livro de estatísticas comerciais onde se via um grafico das exportações do Brasil”<sup>357</sup>. A solução é eminentemente artificial, mas crível no espírito da obra: Mister Slang não fica sem argumentos, e não está errado virtualmente nunca. Para tanto, tem-se bem informado, com material de documentação confiável, sempre renovado e atualizado – outra marca de ironia ao contrapô-lo com o amigo brasileiro, que em nada se informa acerca de seu país. É como se fosse dito: Mister Slang não dá palpites, apresenta fatos.

A artificialidade de uma construção como a referida contribui para o caráter “programático” das opiniões de Mister Slang. Não são apenas intromissões ou mexericos, mas legítimos postulados; o inglês sabe o que é melhor para o nosso país e, estando nos Estados Unidos, mostra *in loco* como se comporta uma nação que fez corretamente tudo que fazíamos errado. Não há espaço para dúvidas, havendo: a)

---

<sup>355</sup> Lobato, 1951a, p. 72.

<sup>356</sup> Lobato, 1951a, p. 73-74.

<sup>357</sup> Cavalheiro, 1955, p. 74.

provas das mazelas brasileiras; b) fatos documentados; c) exemplos vindos de uma nação que corrigiu o que no Brasil não se corrige (por ineficiência, falta de visão, condescendência criminosa etc.).

Tal artificialidade, contudo, pode resvalar para o que hoje, com nosso moderno corpo de informações e nosso espírito crítico aguçado pela profusão de fontes de checagem, teríamos por ingenuidade. Temos correntemente a fundamentada desconfiança, aparentemente inexistente em Lobato, que não é necessariamente importando técnicas e exemplos de outros países que o progresso chegará do mesmo modo em nossas terras. Caio Prado Junior, em seu prefácio para *O escândalo do petróleo*, avalia “a situação de países como o Brasil, que em vez de elaborarem uma cultura própria na base de suas condições, experiência e necessidades particulares, contentam-se em aceitar passivamente modelos criados em circunstâncias estranhas e diferentes das suas”<sup>358 359</sup>.

O escritor explica em diversas ocasiões, não obstante, por que acredita que os métodos empregados nos Estados Unidos, o exemplo maior e mais crucial para nossos propósitos, seriam adequados para o Brasil:

Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de igual território, Estados Unidos e Brasil, situados no mesmo continente, descobertos ao mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, libertados

---

<sup>358</sup> Prado Junior, 1951b, p. XV.

<sup>359</sup> Talvez o exemplo mais patente de como nossas diferenças estruturais não são tão facilmente contornáveis pela adoção de medidas “estrangeiras” esteja em *Raízes do Brasil*, o livro mais conhecido do fundador do Instituto de Estudos Brasileiros, Sergio Buarque de Holanda (2015). O autor analisa em muitos capítulos a formação de nossas culturas advindas dos diferentes modelos de colonização europeia em terras americanas diversas, tais como os casos de Portugal e Brasil, Espanha e América Latina, Inglaterra e Estados Unidos etc. Em linhas gerais, podemos apontar que fatores outrora insuspeitos, como configuração climática, topologia e tradição cultural, podem estabelecer diferentes quadros de trabalho e desenvolvimento social. Como se simplesmente alguns procedimentos “amoldassem-se” a alguns territórios, por essas e outras razões contextuais, e outros simplesmente não o fizessem.

do jugo da metropole com pequena diferença de anos, alcançarem, um, o fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro, nós, a triste posição de beco sem saída em materia de enclacramento.

Instituições políticas? São as mesmas. Raças? São as mesmas – branca e negra. Clima? Temos metade do país, pelo menos, maravilhosamente adequado á prosperidade do homem. Por que, então, tão disparidade do destino?<sup>360</sup>

Lobato perscruta entre as linhas gerais das organizações civis e sociais das comunidades americana e brasileira – como a hierarquia política via representação de eleitos e os grupos étnicos a seu ver parecidos –, argumentando que temos todas as condições que os americanos tiveram para prosperar, só não soubemos (ou sabemos) aproveitá-las.

A crença em valores absolutos ou no simples transporte de ideias de um país a outro redunda por vezes, contudo, em um fascínio pueril por figuras simbólicas, hiperbolizadas ou superlativas. Sobretudo entes políticos ou empresários como Henry Ford e William H. Smith, o desenvolvedor de um método para produção de ferro que o escritor paulista aclamaria e tentaria patrocinar no Brasil.

Algumas figuras (como a do presidente americano Abraham Lincoln [1809-65]) são usadas por Lobato num registro quase mitológico, inumano, para reforçar valores caros ao escritor. No entanto, o adensamento da complexidade desses homens públicos se perde, ao menos em parte, no processo de sua transformação em ícones de moralidade. Podemos vislumbrar, nas palavras do narrador de *América*, uma amostra dessa prática:

Paramos na grande cidade para ver o que havia ali de Brasil. Artes de D. Pedro II. Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra – daí o banirem-no, como castigo.  
(...)

---

<sup>360</sup> Lobato, 1951c, p. 258-259.

Pedro II lá esteve e até hoje os americanos guardam lembrança dessa sensacional visita – o primeiro e unico imperador que ainda pisou as plagas de Lincoln. Descobriu ele por essa ocasião o criador do telefone, Graham Bell – e o lançou... A America jamais se esqueceu disso.<sup>361</sup>

Ao fazer o panegírico do segundo monarca do império brasileiro (1825-91), Lobato confirma, paradoxalmente, sua independência de pensamento: não havendo registro específico e seguro de uma sua admiração por monarquias, ressalta em Pedro II a honestidade de caráter, a disposição intelectual e outros valores morais que entendia serem interessantes em um governante – e absente na maioria deles. Para deixar clara sua admiração pela figura de Pedro II, Lobato o aproxima de algum modo a Lincoln, vulto histórico citado em muitos de seus livros e sempre de modo paradigmático.

Interessa aqui observar como se dá o discurso do narrador. Descortinando ao leitor certos sítios turísticos, o brasileiro trata os passos biográficos de Pedro II como apriorísticos, dando como “favas contadas” os deveras discutíveis elementos que escolhe para definir, em poucas linhas, a trajetória do imperador em seu relacionamento com a América. “Tinha o grande monarca a mania de interessar-se pela sua terra” é aqui um pressuposto do que causou a deposição e o conseqüente banimento do imperador.

Logo de princípio, todavia, poder-se-ia argumentar que a correlação família imperial-Brasil é problemática, uma vez que se trata de uma estirpe europeia no poder, ainda que independente politicamente da ex-metrópole, à qual permanecia ligada por laços de sangue.

Os registros apontam que Pedro II era realmente querido por suas qualidades humanas, ou sua alegada disposição virtuosa. Luís Martins afirma no ensaio *O patriarca e o bacharel* que “todas as pessoas que deixaram depoimentos pessoais sobre o imperador estão acordes na referência à sua bonomia meio sabichona, à vigilância um

---

<sup>361</sup> Lobato, 1951a, p. 75-76.



tanto estreita que ele próprio exercia pessoalmente (...) sobre a moral de seu povo”<sup>362</sup>.

Esse verdadeiro culto à personalidade teve reflexos na conturbada proclamação da República em 1889<sup>363</sup>. Apesar de a forma de governo ter sido alterada, os valores humanos do monarca deposto encontravam apoiadores até entre os novos republicanos, que, por impropriedade da nova conformação política, viam-se agora sem um modelo humanístico como o era considerado Pedro II. Luís Martins assevera que “uma vez alcançados seus fins, a rebeldia liberal começou a se amortecer sentimentalmente num verdadeiro complexo de remorso”<sup>364</sup>.

Lobato, que passou a infância tanto sob a monarquia quanto sob os primeiros anos da hoje chamada República Velha, tinha em seu cerne essa contradição: admirava a figura do imperador, mas não compactuava com o sistema monarquista. Ainda assim, lamenta a saída “intempestiva” de Pedro II, considerando-o digno até o fim – muito diferentemente de um Graciliano Ramos, que despreveria em tintas acres o exílio forçado do monarca, em sua *Pequena História da República*: “Na noite de 17 desceu as escadas do palácio bastante contrariado, resmungando para o tenente-coronel Mallet, que o ia buscar. / — Estão todos malucos. Não embarco, não embarco a esta hora, como negro fugido”<sup>365</sup>.

Associado o monarca à quintessência do progresso, numa terra onde o progresso se faz dificultoso e truculento (quando não inexistente), o narrador de *América* relembra o encontro entre Pedro II e Alexander Graham Bell (1847-922), o inventor do telefone. Ficaria do monarca deposto seu exemplo de dignidade humana, sua decência moral e intelectual, seu gosto por novidades que o torna afim dos

---

<sup>362</sup> Martins, L. 2008, p. 109.

<sup>363</sup> Conturbada pelas condições de todos sabida: proclamada por um militar monarquista amigo pessoal de D. Pedro II e que logo tentaria dar um golpe no Congresso, falhando e renunciando ao governo.

<sup>364</sup> Martins, L., 2008, p. 110.

<sup>365</sup> Ramos, 2000, p. 146.

americanos, povo tido como inclinado ao aperfeiçoamento material da sociedade e invenções e utilidades em geral.

### 3. A América criticada ou uma checagem empírica dos Estados Unidos

Como referido, o narrador demonstra em *América* alguma desilusão com os Estados Unidos, uma nota ácida possível a Lobato apenas neste momento de sua trajetória humano-literária, quando ele efetivamente foi ao país ianque e deparou com suas glórias e suas contradições. Lobato, apologista dos métodos americanos, não deixa de ser um brasileiro e, como o brasileiro a quem dá voz como narrador, é cheio de dúvidas sobre os caminhos que os americanos trilharam para chegar onde estão.

*América* representa nesse sentido uma “checagem” dos Estados Unidos, uma tentativa de o escritor comprovar (e descrever) o que tanto lhe entusiasmava na nação americana. Continua animado com os processos e resultados encontrados, majoritariamente, porém critica ou ironiza aquilo de que se distancia, não concorda ou não entende. Logo no segundo capítulo do livro, ao ouvir de Mister Slang feitos heroicos de cachorros e as recompensas (heranças, prêmios em dinheiro, artigos elogiosos em jornais e afins) que os animais recebiam por suas condutas elogiosas, o brasileiro externa sua perplexidade:

— Isso me parece maluquice, Mr. Slang, comentei eu, sorrindo, com a superioridade de quem já havia dado muito pontapé em cachorro.

(...)

Dei uma gargalhada, isto é, comecei a dar uma gargalhada á moda indígena. Vi, porém, que estava numa terra onde receber um fato desses com uma gargalhada podia até ser caso de deportação por “atividades comunistas”, e recolhi-a a tempo. Mr. Slang compreendeu a minha manobra.

— Sim, meu amigo. Se quiser viver feliz na America, não se mostre duro com os cães – nem desrespeitoso para com a americana. São dois dogmas muito sérios.<sup>366</sup>

---

<sup>366</sup> Lobato, 1951a, p. 22-23.

Mister Slang mostra ao brasileiro recortes extraídos de periódicos, o que de algum modo atesta a veracidade das histórias. Milena Ribeiro Martins compilou as notícias que Lobato consultara em sua estada em terras americanas e cotejou-a com o texto publicado<sup>367</sup>. O resultado foi que Lobato praticamente parafraseou notícias inteiras, o que apresenta conotações interessantes para análise.

Entendemos que, munido de tal documentação, o escritor em certa medida se protege de críticas que poderiam ser feitas a seus “livros americanos” anteriores (*Mister Slang e o Brasil* e o romance *O choque das raças ou o presidente negro*): pressuposições questionáveis, conclusões precipitadas, empolgações desmesuradas. Aqui, são os americanos falando de si, não um brasileiro louvando ou criticando de acordo com seus códigos pessoais.

Não obstante, é um procedimento complexo, pois carrega em si o germe do próprio paradoxo textual: utilizando diretamente as notícias dos americanos, o narrador assume para si o encargo de fazer o contraponto, que necessariamente adotará, ainda que moderadamente, um tom crítico. Assim, no excerto transcrito, o narrador brasileiro considera risível a “adoração” que os americanos nutrem por animais prosaicos como cachorros. Sente-se acima dos outros, gargalha. Para ele, é absurda a “louvação canina” verificada em terras americanas. Notemos que, nesse ponto, ele não procura se adequar aos costumes de fora, mantendo-se convicto de sua superioridade.

O narrador justifica a contenção de sua risada afirmando, num registro irônico, que “estava numa terra onde receber um fato desses com uma gargalhada podia até ser caso de deportação por ‘atividades comunistas’”. Lobato registra aqui que já nos anos 1930 o sentimento anticomunista era intenso nos Estados Unidos, uma visão que hoje temos assaz diferente por causa da força que o conceito de macarthismo adquiriria no inconsciente coletivo mundial – vale lembrar que esse período associado à “caça às bruxas”, em que havia uma quase paranoia na polarização política representada pelos valores

<sup>367</sup> Os resultados se encontram no capítulo que Milena Ribeiro Martins publicou em *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta* (2014).

contrapostos de “americanismo” e “comunismo”, verificou-se décadas depois, entre 1947 e 1956.

Lobato seria acusado em alguns momentos de sua vida de ser comunista, conforme verificado em nossas pesquisas<sup>368</sup>. Indagado sobre se seria socialista, o próprio escritor declarou em entrevista a Tulman Neto, do Diário de S. Paulo, em 1945: “Não sou coisa nenhuma além dum observador da história. Olho, vejo e digo o que vejo – só, mais nada. Para que ser alguma coisa?”<sup>369</sup>.

Sem embargo, consideramos que o comentário do narrador brasileiro aqui possui outra chave de leitura, algo assemelhada à do elogio feito a Pedro II: não se trata de uma carta de declaração de princípios ou filiação partidária, mas uma defesa de algo maior; no caso de Pedro II, das virtudes morais e intelectuais de um bom governante e, aqui, da liberdade de pensamento e da possibilidade de expressar, sem censura, opiniões e comentários.

Notemos ainda que é o próprio Mister Slang quem diz ao brasileiro que há na América certos “dogmas”. A palavra é dura, e pode-se dizer que tem um sentido próprio na bibliografia lobatiana, ao menos se pensarmos que o escritor praticamente sempre se manteve afastado da Igreja e das religiões, sendo constantemente “acusado” de ateu ou crítico imoderado das instituições religiosas – em algumas cidades (inclusive a terra natal do autor, Taubaté, ou a então capital federal, Rio de Janeiro), há recordação de autos de fé com a queima de seus livros promovidos por entidades religiosas<sup>370</sup>. Cavalheiro reporta um deles: “No externato do Sacré Coeur de Jesus (...), piedosa Freira solicita de todas as alunas que possuam livros do criador de Narizinho, que os levassem ao Colégio (...). Reunidos os volumes, depõe Raul de

---

<sup>368</sup> Identificamos sinais do tema, por exemplo, em uma comunicação de Lobato ao *Diário de S. Paulo* em 6 de fevereiro de 1948 – menos de um semestre antes de sua morte – e em uma carta recebida por Lobato do correspondente Rinaldo de Biasi, escrita em 26 de agosto de 1945.

<sup>369</sup> Lobato, 2009, p. 138.

<sup>370</sup> Vindo ao encontro dessa visão que une dogmas religiosos a uma proclamada ojeriza pelo comunismo, o padre Sales Brasil publica em 1957 a obra *A literatura infantil de Monteiro Lobato ou o comunismo para crianças*, pelas Edições Paulinas (Lobato, 2009).

Lima, a Revma. Irmã e educadora fêz uma fogueira (...) e queimou-os todos”<sup>371</sup>. É um ponto curioso da recepção da obra de Lobato, mas que não é escopo deste artigo examinar. Importa, contudo, relacionar a defesa das liberdades com os “dogmas” que Lobato encontrou em sua viagem aos Estados Unidos. O país cujo lema ou epíteto (‘a terra da liberdade’) mais parece um *slogan* – demonstrando a força da publicidade na terra americana – tinha naqueles anos preocupações de política externa de tal monta que a um estrangeiro como Lobato pareciam exageradas, problemáticas ou simplesmente dogmáticas.

Queremos dizer que assim como Lobato não defendia necessariamente a monarquia ao fazer o panegírico de Pedro II, igualmente não está aqui defendendo o comunismo ou qualquer outro sistema, exceto as liberdades humanas de expressão e opinião, que lhe eram tão caras<sup>372</sup>.

Outra crítica que Lobato faz via suas personagens passeando nos Estados Unidos se refere a questões linguísticas. Mister Slang, inglês, ressentido das modificações que encontra no inglês americano:

— Ainda não pude suportar esta liberdade dos americanos para com a língua inglesa, disse-me ele de caminho. Corrompem-na barbaramente.

— Corromper, Mr. Slang, não será um sinónimo colérico de evoluir?

— Talvez, mas não é coisa que meus nervos suportem. Já cacei tigres na Índia e leões no Uganda. Não mexem com os meus nervos. O *Ain't* mexe.

— Mas é esse o meio duma língua desenvolver-se! Não fosse a audácia inconsciente dos ignorantes, e estaríamos ainda hoje, aqui no Novo Mundo, a falar o inglês cicerónico do Dr. Johnson.

— E que lindo seria!...<sup>373</sup>

---

<sup>371</sup> Cavalheiro, 1955, p. 594.

<sup>372</sup> Lobato condenará em *América* a censura moral perpetrada nas obras cinematográficas, lamentando, ao comentar as mudanças sofridas pela adaptação da peça teatral *Coquette*, que “tais alterações destruíam toda a força, unidade e originalidade do tema” (1951a, p. 131).

<sup>373</sup> Lobato, 1951a, p. 58.

Consideramos que aqui o eco das aventuras pessoais de Monteiro Lobato se faz evidente. Mesmo conhecendo inglês a ponto de ser destacado tradutor do idioma, como já o referenciamos, Lobato, em viagem aos Estados Unidos, complicou-se com as exigências fonéticas do falar americano. Relata em carta a Godofredo Rangel datada de 5 de setembro de 1927:

O americano troca o ‘t’ por ‘r’, de modo que até um inglês de Londres se atrapalha em Nova York. Há dias pedi *water* num restaurante. O “waiter” – isso aí que vocês chamam garçom – olhou-me com cara d’asno. Repeti. *A glass of water, please!* Ele ainda ficou no ar uns instantes. Depois seu rosto iluminou-se (era um garçom inteligentíssimo) e disse: “Warer?” e trouxe a água pedida. *Tomato* é “tomeiro” – e eu sou “Mister Lobeiro”. Filha é “dórar” e *What of it?* é “Oróvet”. Fui comprar uma fita de máquina. “Standard ou Pôrabal?”, perguntou o homem. Espertissimamente adivinhei que “pôrabal” queria dizer *portable* – máquina portátil.<sup>374</sup>

A transposição de um tal episódio não poderia ser mais clara, inclusive com uma menção à atrapalhação de “um inglês de Londres”! Em *América*, sob a roupagem ficcional dos colóquios americanos entre o inglês e o brasileiro, o sentido da crítica linguística se faz pelo comentário, no mais laudatório, referente à velocidade das coisas nos Estados Unidos. Tudo muda muito rapidamente, os americanos fazem seu progresso avançar a olhos vistos, não há tempo para a inércia (gramatical, inclusive) que se verifica no Brasil e em tantas outras terras:

— Culpa têm os ingleses que fizeram da sua lingua uma lingua livre cambista. A entrada de palavras na lingua inglesa é franca. As palavras chegam de toda parte e estabelecem domicilio no inglês sem que a policia glotica as marque com qualquer sinal indicativo de que são de fóra. Gosto disso, porque sou duma terra terrivelmente protecionista em materia de lingua. Palavra exótica que

---

<sup>374</sup> Lobato, 2010a, p. 524.

entra no Brasil tem de ficar anos e anos marcada com grifo, ou entalada entre aspas, antes que seja naturalizada.

(...)

Talvez o mal de que nós ingleses nos ressentimos venha da rapidez com que a evolução da língua se opera aqui. Inda não nos pudemos conformar com a mania da America de fazer num ano o que sempre pediu vinte. Isso não dá tempo ás células cerebrais de se adaptarem – e esquecerem.<sup>375</sup>

Ainda assim, Mister Slang se vale dos “seculos de filosofia anglo-saxônica”<sup>376</sup> acumulados em si para, insuspeitamente, comparar Brasil e Estados Unidos no que vê e observa. Age como uma terceira parte, ontologicamente neutra, que nada ganha elogiando ou favorecendo esta parte ou aquela.

O interesse de Mister Slang, como dissemos, é apresentar fatos: aos ouvintes, o narrador brasileiro ou seus desconhecidos leitores, cabem as conclusões – dificilmente diversas do que Mister Slang conclui, pela força de seus argumentos e a expressividade de sua retórica.

Esse procedimento cria um ponto de sagacidade na obra e decifra parte do pensamento lobatiano, pois, quando Mister Slang afirma categoricamente um fato, prova-o e convence o narrador brasileiro, que não mais apresenta dúvidas ou questionamentos. Fica então um ponto que Monteiro Lobato fixa e determina, podemos assim dizer, como indubitável. Como disse Emília no começo de suas *Memórias*, “verdade pura, da dura”<sup>377</sup>. Quem duvidar de Mister Slang nessas assertivas está desde já derrotado: o inglês, sem interesse pessoal na questão, apresenta os fatos, “inquestionabilizados” pela retórica tripla da personagem (Mister Slang), seu narrador (o brasileiro anônimo) e seu autor (Lobato).

Por vezes, a comparação é tão intensa que o inquieto narrador brasileiro, fonte inesgotável de contrapontos, sequer apresenta

---

<sup>375</sup> Lobato, 1951a, p. 59.

<sup>376</sup> Lobato, 1951a, p. 13.

<sup>377</sup> Lobato, 2017b, p. 11.

objeção. É o que acontece quando Mister Slang se detém em capital problema para Lobato: a questão da mecanização.

Assunto controverso na literatura sócio-política – Eric Hobsbawm, a respeito das novas condições advindas na sociedade inglesa com a revolução industrial, aponta que, no meio do século XIX, muitos tecelões manuais “tornavam-se cada vez mais famintos e, numa tentativa vã de competir com as novas máquinas, trabalhavam cada vez mais barato”<sup>378</sup> –, a relação do homem com a máquina era tema de apaixonadas reflexões do escritor. Lobato se posicionava inequivocamente a favor da gradual mecanização das forças brutas de trabalho, defendendo o aproveitamento humano em outras atividades e consagrando o grosso do trabalho braçal a máquinas. Vejamos essa defesa advogada por Mister Slang:

— Muitas vezes no Brasil ouvi da boca de seus patricios que Deus é brasileiro, disse Mr. Slang, como se estivesse adivinhando meus pensamentos. Ao americano jamais ocorreu inventar coisa parecida; no entanto, a verdade me parece ser Deus escandalosamente americano – se não de nascimento, pelo menos naturalizado. Não existe território no mundo mais rico que este – e esta é a razão do surto prodigioso da America. As mais extensas e fertes planícies de cultura, tão bem ajeitadas para o trabalho mecanico que o serviço não mais necessita ser feito a unha humana ou casco de boi, como é classico em materia de agricultura. Tudo a maquina. Daí uma agricultura sempre em crise por excesso de produção. Trigo demais, algodão demais, batatas demais, frutas demais. A eterna crise agricola, entretanto, não evita que os lavradores mantenham o padrão de vida que você está vendo. Lá vai aquele freguês de charuto na boca, conduzindo o seu trator. Ganhara quanto? Cinco, seis dolares por dia. Não está contente, é claro. Como não o estará quando seu salario subir a dez ou vinte. É da natureza humana, e condição do progresso, a dessatisfação do presente, com ansia de mais para o futuro. Compare, porém, a vida desse homem com as dos seus irmãos nos outros países...  
(...)

---

<sup>378</sup> Hobsbawm, 2011, p. 84.



— Onde o classico ilota agricola, continuou Mr. Slang depois de breve pausa, o homem dobrado nos cabos do arado, em tudo acorde á famosa pintura de La Bruyère? O trabalho bruto foi transferido para a maquina. Ao homem ficou dirigir a maquina. (...)

— Não é preciso ir tão longe como essa França de La Bruyère, acrescentei suspirando com alma. Em todo o mundo, em todo o resto da America, no Brasil – que é o homem do campo? Já fui fazendeiro, sei. O ‘camarada’ ocupa o ultimo degrau da escala social. (...)

Aquele patife lá, de charuto na boca e perneiras, com radio em casa e certamente um Ford no fundo do quintal, ganhará quanto? No minimo cinco dolares por oito horas de trabalho. O nosso Jéca, por um trabalho muito mais penoso e de sol a sol, apanha, em media, 2.000 réis, que ao cambio de 10\$000 por dolar correspondem a 20 centavos – a vigesima quinta parte do jéca americano!<sup>379</sup>

Essa longa conversa entre Mister Slang e seu interlocutor brasileiro, em que não faltam detalhes controversos, ácidos e incisivos sobre os hábitos do homem do campo brasileiro, seu vestuário, suas condições higiênicas e que também versa sobre o estado de aproveitamento virtualmente integral dos campos agrícolas americanos, é reveladora em uma profusão de sentidos.

A influência francesa se faz presente pela referência a Jean de la Bruyère, moralista francês do século XVII (1645-96). Lobato como que se esconde na referência, demonstrando que o que ele vê e critica não é novidade, “não é de hoje”. As coisas não mudam ou mudam muito lentamente sem ação de algum fator externo ou catalisador. No caso, a máquina, que vem a mudar o que é um atraso, ou seja, a agricultura ser feita “a unha humana ou casco de boi”. Mister Slang, mais uma vez, fala por seu autor.

Lobato resolve deixar o jogo de avatares ainda mais explícito. O narrador brasileiro fala, de supetão: “já fui fazendeiro, sei”. Essa informação, não dada em outro momento, tem uma importância que se relaciona com a própria diegese da obra: afinal, qual dos brasileiros fala, o narrador anônimo ou o autor (Lobato)? Parecem se confundir

---

<sup>379</sup> Lobato, 1951a, p. 64-67.

na inesperada e passageira informação. O empirismo, um dos pilares de *América*, desvela-se em outra chave, também ligada à biografia do escritor: Lobato, que já foi fazendeiro, sabe.

Esse elemento empírico é sobremaneira relevante, com uma estrutura verdadeiramente multifacetada. Monteiro Lobato ou suas ideias podem ser encontrados em qualquer uma das duas personagens recorrentes no livro, e dá suas credenciais de autoridade: Mister Slang, informado e erudito, fala a América; o brasileiro, que “já foi fazendeiro e sabe”, fala o Brasil. Ainda assim, pela própria construção textual algo atabalhoada, os *backgrounds* das personagens se misturam de maneira pouco clara, como se ambos pudessem falar as mesmas coisas, pelo menos nas ocasiões quando estão de acordo.

Uma ilustração dessa condição se dá no último parágrafo do excerto, quando o narrador brasileiro faz as contas dos ganhos dos “jecas” dos Estados Unidos e do Brasil. Ora, esses cálculos de improviso, com fins de elucidação matemática imediata, à prova de refutação, eram o cerne das argumentações do britânico em *Mister Slang e o Brasil*. É inútil teorizar as intenções de Lobato ao confundir suas duas personagens, mas cremos que o que se prioriza aqui é a informação, o argumento que o autor não perde de vista e tenta provar de todos os jeitos: com citações, com comparações, com especulações, com fatos e, como dissemos, com a autoridade que a experiência pessoal parece conferir.

A notar também a citação ao Ford, o bem de consumo mais icônico e definitivo para Lobato. Possuir um carro pode ser um símbolo de ascensão social, que demarca quem “deu certo na vida”. Não obstante, aqui a imagem é de alguém de uma classe baixa econômica e que, ainda assim, ganhando decente e suficientemente, pode bancar rádio, algum luxo pessoal (charutos) e até um carro, não por acaso um Ford. O próprio Lobato é um dos exemplos, segundo Cavalheiro: “Quinze dias depois [de chegar aos Estados Unidos] escreve estar americanizado, possuindo automóvel, rádio, e um belo apartamento.”<sup>38o</sup>.

---

<sup>38o</sup> Lobato, 1955, p. 362.

O discurso parece claro: a produção em massa das indústrias Ford, de quem já sabemos Lobato grande admirador, significa para o escritor considerável democratização dos bens de consumo a adquirir: trabalhando o seu quinhão de oito horas diárias, o americano médio acredita que conseguirá comprar um automóvel Ford, diz o narrador lobatiano – a linha de produção das indústrias fordianas barateia o custo para fazer e comercializar o carro, tornando-o acessível a todos. É esse o discurso implícito de Lobato, viabilizado por um punhado de observações *en passant* de sua personagem anônima.

Acrescentemos uma citação de Ford coletada pelo biógrafo Richard Snow:

Há milhares de homens lá na oficina que não estão vivendo como deveriam. Suas casas estão lotadas e o ambiente é insalubre... Eles alugam cômodos de suas casas para hóspedes na tentativa de ajudar a aumentar a renda familiar. Está tudo errado, tudo errado. Isso é especialmente prejudicial para as crianças... Agora, essas pessoas não estão vivendo dessa maneira por opção. É só lhes oferecer uma renda decente que elas viverão decentemente, com todo o prazer. Elas só precisam de uma oportunidade para melhorar, e que alguém que (sic) se interesse pessoalmente por elas, alguém que lhes mostre que acredita nelas.<sup>381</sup>

O discurso parece retirado de um colóquio com Mister Slang. Estão aí os temas caros à personagem e a seu criador, as “condições para prestar” que darão ao trabalhador decência, dignidade e, obviamente, poder aquisitivo.

A complexidade da questão envolvendo simultaneamente as justificativas e procedimentos do método fordista não se esgota se adotando um ponto de vista superficial e inflexível. O dirigente Charles E. Sorensen, da Ford Motor Company, resumiu um dos mecanismos para decifrar as intenções e ações em disputa: “O sr. Ford estava dizendo que cada um deve ser o seu melhor cliente; que a menos

---

<sup>381</sup> Snow, p. 2014, 257-258.

que mantenha os salários altos e os preços baixos, o setor limita o seu número de clientes e se destrói.<sup>382</sup>

Melhorar a vida do trabalhador tem um caráter duplo, conseqüentemente: aumentando sua renda, o empregado pode consumir mais. Tanto para Ford como para Lobato, justifica-se uma espécie de “especulação consciente” do consumo (que garantiria clientes satisfeitos e circulação ininterrupta de produtos) pelas benesses econômicas, sanitárias e, em certo ponto, morais que o trabalho trará aos cidadãos e ao país – que só com moeda estabilizada e aquisição contínua de bens pode fazer a economia fluir e fortificar a nação.

Por fim, o ponto mais importante do excerto lobatiano, a questão da mecanização e da substituição da força humana bruta pelo maquinário industrial, não comporta nas letras do autor os efeitos críticos que os detratores da máquina imputam ou imputavam à sua utilização: para Lobato, a máquina não é causadora de desemprego que descambe em desajuste social: as funções “apossadas” pelas máquinas são toscas e merecem outrossim serem retiradas da esfera da ação humana; o desemprego é temporário e logo os trabalhadores dispensados devem ser alojados em outra colocação, mais digna do empenho humano<sup>383</sup>.

O procedimento empírico desenvolve uma dupla vertente em *América*: não apenas a crítica de quem “sabe”, pois vivenciou uma condição, mas uma argumentação aprofundada na experiência de quem passou por aquilo que ora descreve. Possivelmente o maior exemplo disso na obra é seu deslocamento temporal: publicada em 1932, *América* se passa quase que inteira antes da crise de 1929, que Lobato apanha *in loco* e por causa da qual sofre duros revezes econômicos. Segundo Cavalheiro:

---

<sup>382</sup> Snow, 2014, p. 258.

<sup>383</sup> Este ponto é incontroverso na bibliografia de Monteiro Lobato – assim como para Mister Slang, é-lhe um fato evidente, gritante. Em sua literatura infantil, em um momento revelador de *História das invenções* (1935), Dona Benta quase parafraseia o inglês (Snow, 2014).

Hás de crer, escreve [Lobato] à irmã, que acabo de cometer um dos maiores erros da minha vida? Entrei no Stock Exchange com todos os recursos que pude reunir, certo de fazer fortuna. Errei o bote. Em vez de ganhar já perdi metade do meu capital e estou ameaçado de perder o resto e ainda ficar devendo alguma coisa. Estou resistindo, sempre com esperanças de que uma alta nos títulos ainda me permitam (sic) ao menos diminuir os prejuízos, mas não sei se poderei resistir muito tempo. O mais certo é perder tudo e ficar reduzido ao ordenado [de adido comercial].<sup>384</sup>

Cavalheiro considera que “Pensado em 1929, escrito em 1930 e publicado em 1932, ‘América’ é um fiel retrato do entusiasmo de Monteiro Lobato pelo progresso americano. São raros os momentos de crítica ou censura”<sup>385</sup>. Não coadunamos inteiramente com o reparo, ainda que se deva reconhecer que mesmo a experiência traumática com a Bolsa de Nova Iorque sofre modificações para dar a entender que qualquer um como Lobato (ou Mister Slang) poderia antever o cataclismo financeiro antes de sua efetiva ocorrência, bastando para isso lucidez e a observação criteriosa do que ora se passava. Porém esses alertas foram produzidos em 1930, após a advinda do *crack*.

Deslocando a ação para antes da quebra da bolsa, as personagens vivenciam um mundo do qual já se sabe o resultado (catastrófico), porém antes que seus efeitos tenham ocorrido. Lobato usa suas experiências pessoais, nesse curioso relato de viagem, para fazer uma “previsão do passado”, estudar suas causas e entender os motivos da crise. A menção aparece rapidamente, de modo incidental, no capítulo XII, quando Mister Slang alude: “[Eróstrato] Está sendo citado neste ano de 1929, nesta America nem por sombras sonhada naquele tempo [a Antiguidade]”<sup>386</sup>.

O deslocamento causa certas incoerências internas na obra, como se referir “antecedentemente” a eventos que ocorreram depois da quebra da bolsa (24 de outubro de 1929, ou 23, segundo Lobato<sup>387</sup>)

---

<sup>384</sup> Cavalheiro, 1955, p. 368.

<sup>385</sup> Cavalheiro, 1955, p. 370.

<sup>386</sup> Lobato, 1951a, p. 98.

<sup>387</sup> Lobato, 1951a, p. 265.

– a exemplo de *The trespasser*, que estreou em 11 de novembro de 1929: aludida sua *première* no primeiro parágrafo do capítulo XV – e explicitamente estabelecer a ação do livro (as viagens de Mister Slang e o brasileiro em terras americanas) em 1932 – no capítulo XXII, falando da proclamação da república em 15 de novembro de 1889, o narrador alude ao fato de que “estamos com quarenta e tres anos de perturbações revolucionárias”<sup>388</sup>. Entendemos que a ideia lobatiana é reforçar a retórica de seus argumentos e não puramente descrever o que viu nos Estados Unidos em uma cronologia acurada.

Observemos, pois, esse método em ação. No capítulo XXX, em que novamente torna a constar 1929 como o ano de ação (—Em 1909 [a renda do povo americano] era de 35 bilhões de dolares. Está hoje, vinte anos depois, em 95 bilhões”<sup>389</sup>), Mister Slang volta sua argumentação para a explanação das crises:

— As crises são periodicas e não passam de estações de repouso e reajustamento. Já li a historia das crises americanas e até ando a deduzir a lei que as rege.

— A que as atribue?

— Inflação por abuso de credito. Especulação excessiva por excesso de credito. O excessivo abuso do credito dá origem a inumeros negocios de base aleatoria: a hipotese de que a progressão continuará na mesma marcha em que está vindo. Um abalo nesse alicerce (e eles abalam-se ciclicamente, em periodos de 8-10 anos) determina o fenomeno crise. Cáí, e é varrido para o lixo como um castelo de cartas tudo quanto se ergueu sobre o alicerce precario. Saneamento. Poda de arvore. Limpeza dos galhos ‘falsos’. Mas, passada a crise, a arvore mundificada continua a crescer com impeto maior do que antes.

E como falamos em crise, a conversa recaiu sobre a de 1922, uma das mais fortes que abalou o país. Mr. Slang havia acompanhado o seu desenvolvimento e até certo ponto a previra. O mesmo ia dar-se com a proxima. O meu arguto inglês via de todos os lados os sintomas da crise de 1929.

---

<sup>388</sup> Lobato, 1951a, p. 173.

<sup>389</sup> Lobato, 1951a, p. 246.

— A inflação está no apogeu, e inflação em escala nunca observada até aqui. A tempestade decenal aproxima-se, profetizou ele.<sup>390</sup>

A crise de 1929 se localiza no passado para o Lobato escritor, e suas personagens, vivendo num momento anterior da história, podem prever o que só seria realizado posteriormente. Como na máxima cunhada por Sherlock Holmes (em adaptação nossa), “todo problema se torna infantil uma vez que é explicado”<sup>391</sup>. Lobato teve condições de se inteirar das razões da crise, observar seus efeitos, verificar seus resultados.

De posse dessas informações, recua no tempo para demonstrar a previsibilidade da crise num momento anterior. Para isso, vale-se de recursos que explora textual e retoricamente. Seu maior trunfo é Mister Slang, ser de tanta ponderação que “via de todos os lados os sintomas da [iminente] crise de 1929”. Mister Slang prevê a crise porque conclui que as crises são periódicas, que em todo decênio ocorre uma, que as situações se repetem e que todos os condicionantes se apresentam para em 1929 descambar em crise, a pior desde a que ele próprio (um empirismo “de personagem”) observou em 1922.

Essa conformação é (apenas) possível em um dado momento da produção lobatiana. O escritor justifica a sabedoria quase onisciente de sua personagem, como vimos, em sua ponderação, raciocínio frio e pesquisa informativo-bibliográfica (“Já li a história das crises americanas”) – todavia acreditamos ser ela viável, nesse aspecto, em face do que discorremos: a experiência empírica de Monteiro Lobato nos Estados Unidos.

Tanto não era algo tão evidente e cristalino, como Mister Slang dá a entender, que a crise sem precedentes não encontrou precaução ou defesa imediatas, como uma onda que cobriu inopinadamente a nação americana e, por via reflexa, o resto do mundo. Lobato, aqui representado talvez pelo brasileiro, foi outro

---

<sup>390</sup> Lobato, 1951a, p. 246-247.

<sup>391</sup> Doyle, 2008, p. 886.

que não teve a argúcia de Mister Slang e perdeu dinheiro na quebra da bolsa em 1929.

No capítulo XXXIII de *América*, finalmente eclode a crise. O narrador suspira: “Tivera razão Mr. Slang em ver maus sintomas na ansia com que os capitães da industria insistiam na nota de ‘prosperity’ permanente e na extinção das crises cíclicas”<sup>392</sup>.

Nesse capítulo, repleto de cifras e números, fica clara a pesquisa do escritor em documentar bem os fatos, no melhor estilo Mister Slang, servindo-se de dados específicos para embasar seus comentários, tornar mais forte a argumentação e o expressivo das ideias veiculadas:

Que é o Stock Exchange de New York? Difícil dar ideia... Um Monte Carlo onde o mundo inteiro especula em proporções absurdas.

Em 1929 as ações ali negociadas subiram á vertigem de 1.124.990.980, o que representa *alguma coisa*, sabendo-se que a 1.º de outubro o valor medio de cada ação era de 83 dolares. Além desse movimento de titulos houve ainda o movimento de “bonds”, cujo total montou, para o mesmo periodo, em 3.200.316.700 dolares. Dia houve em que 16 milhões de ações foram negociadas, das onze horas ás tres...<sup>393</sup>

Ainda assim, essa checagem empírica encontra enfim seus limites. O objeto manejado demonstra impropriedades. Por mais que se apresentem fatos, números, cifras e dados, algo parece particularizado, fora da sensibilidade de um estrangeiro, distante da perfeita adequação a todas as realidades, pois exclusivamente próprio dos americanos. É o narrador brasileiro quem reconhece, no fim do mesmo capítulo:

Mas, repito, é impossivel dar uma ideia do que é a especulação de titulos na America. Nisso, como em quase tudo mais, esta nação se mostra sui generis, unica,

---

<sup>392</sup> Lobato, 1951a, p. 265; Doyle, 2008.

<sup>393</sup> Lobato, 1951a, p. 266.



impossível de medir-se por meio dos velhos estalões comuns á velha humanidade. Quem, por exemplo, pode medir o que representa uma redução de valores como a observada nos 18 dias de panico? Esse monstruoso sorvete que se derreteu – um sorvete de 50 bilhões, ou sejam 500 milhões de contos ao cambio de 10\$000 o dolar? Tal soma representa 15 vezes a riqueza nacional do Brasil...<sup>394</sup>

---

<sup>394</sup> Lobato, 1951a, p. 270-271.